



RELATÓRIO TÉCNICO

Avaliação da Saúde Pública no Distrito Federal

Lucio Renno
Ana Maria Nogales
Guilherme Viana
Andrea Cabello
Frederico Bertholini
Thiago Trindade

Sumário Executivo

Em pesquisa realizada pelo ObservaDF, em abril de 2025, com 1000 entrevistas em 29 Regiões Administrativas do Distrito Federal, confirmou uma preocupação persistente: a saúde segue como o principal problema para cerca de metade da população e é a área mais mal avaliada do governo, sem sinais de melhora.

Apesar de a maioria se declarar saudável, essa percepção cai entre quem vive em áreas de baixa renda e não possui plano de saúde — apenas 31% dos entrevistados têm plano, número que cai para 20% nas regiões mais pobres. A ausência de check-ups médicos e de cuidados preventivos é maior entre os mais vulneráveis, refletindo desigualdades sociais. Tendências semelhantes se aplicam a consultas odontológicas e à prática regular de exercícios.

A insatisfação com os serviços públicos de saúde é ampla. Profissionais como enfermeiros e Agentes Comunitários de Saúde (ACS) são melhor avaliados que instituições como UBS e hospitais. As avaliações negativas, sobretudo entre a população de baixa renda, se mantiveram ou pioraram em relação a 2022.

Ainda assim, o uso do sistema público é elevado: 75,5% das famílias utilizaram algum serviço no último ano, especialmente UBS, que se destacam na vacinação e na atuação de enfermeiros e farmácias — a marcação de consultas é o principal ponto negativo. As UPAs são bem avaliadas pela estrutura, mas criticadas pelo tempo de espera. Já os hospitais públicos recebem avaliações majoritariamente negativas, com longas filas para emergências, exames e cirurgias.

As principais queixas espontâneas da população são: mau atendimento, filas nos prontos-socorros e falta de médicos. Ter recebido visita de ACS ou estar em programas como a Estratégia Saúde da Família tende a melhorar a percepção sobre o sistema, principalmente sobre enfermeiros e UBS, embora a insatisfação com hospitais permaneça.

Em resumo, o sistema público de saúde do DF é essencial e amplamente utilizado, sobretudo pelos mais vulneráveis. No entanto, enfrenta altos níveis de insatisfação, com críticas voltadas à má qualidade do atendimento, longas filas e escassez de médicos.

1. Introdução

O último relatório do ObservaDF, “Avaliação de Governo no Distrito Federal”, disponível em <https://observadf.unb.br/pesquisas/>, aponta que a saúde é o principal problema do Distrito Federal (DF), tendo sido reportado por aproximadamente 50% dos entrevistados. Ademais, o governo tem na área de saúde uma das piores avaliações de seu desempenho.

Essa não é uma realidade recente. Na verdade, entra governo e sai governo, a saúde segue sendo o principal ponto de preocupação da população do DF. É a área de políticas públicas mais mal avaliada e sem sinais de melhora.

Este relatório mergulha nos detalhes da percepção da população do DF sobre a qualidade dos serviços de saúde pública, usando pesquisa de opinião pública semelhante à realizada em 2022 e disponível em <https://observadf.unb.br/dados/>. Para detalhes técnicos – questionário e nota metodológica – e acesso à base de dados, visitem o link acima. Aqui, não entraremos em muitos detalhes metodológicos, apenas reforçamos que se trata de uma pesquisa de opinião pública com amostra representativa da população urbana do Distrito Federal composta por 1000 entrevistas realizadas em 29 Regiões Administrativas no final de abril de 2025.

Antes da avaliação da qualidade dos serviços públicos de saúde ofertados no Distrito Federal, a pesquisa levantou questões sobre percepção de bem-estar e saúde da população, focando em ações de promoção da saúde e prevenção de doenças que podem impactar a utilização dos serviços públicos de saúde. Iniciamos o presente relatório com a análise desses dados relativos à percepção de saúde e aos hábitos saudáveis. Em seguida, nos voltamos para as avaliações da população, propriamente ditas, sobre os serviços prestados nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), Unidades de Pronto Atendimento (UPA) e Hospitais Públicos.

Apresentamos também algumas desagregações que se mostraram relevantes, indicando que o público mais carente desses serviços – pessoas que moram nas Regiões Administrativas (RA) com renda mais baixa e que não têm plano de saúde são as que declaram pior percepção de saúde e que estão mais insatisfeitas com os serviços. Ou seja, os que mais precisam parecem não receber um atendimento de qualidade. Por último, avaliamos se as percepções das pessoas atendidas pelo sistema e visitadas por Agentes Comunitários, no programa Estratégia Saúde da Família (ESF), apresentam visões mais positivas sobre o sistema.

2. Hábitos Saudáveis no DF

Entendemos aqui como hábitos saudáveis o conjunto de práticas de promoção de saúde e prevenção de doenças que indivíduos podem adotar a fim de evitar problemas de saúde mais sérios. Isso envolve ações de caráter rotineiro que contribuem para a redução de riscos de doenças ou para a detecção precoce de problemas de saúde.

Começamos perguntando aos cidadãos e cidadãs do DF sua sensação de estar saudável em uma escala de 10 pontos onde valores baixos indicam uma sensação de estar menos saudável e valores altos de estar mais saudável. A Tabela 1 apresenta a distribuição das respostas, matizadas por renda da RA de residência e posse de plano de saúde.

De forma geral, a população do DF se concentra mais em categorias mais altas de sensação de estar saudável, acima de 7 pontos, chegando a aproximadamente 70% da população geral nessas categorias. Para quem tem plano de saúde, esse percentual atinge 80% e para quem não tem plano de saúde cai para 65%. Nas RA de renda mais baixa, a última categoria na escala baseada em dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego do DF, o percentual de pessoas que indicam acima de 7 pontos é de 66%. No restante das RA em conjunto (demais RA), esse percentual é de 74%. Assim, a população mais pobre e sem cobertura privada através de planos de saúde tem uma sensação mais baixa de estar saudável.

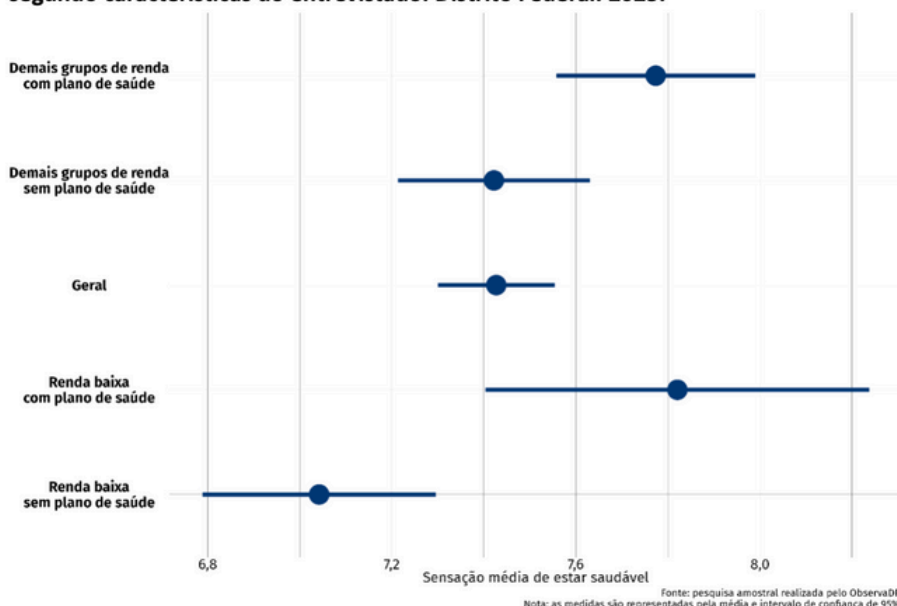
Tabela 1 – Percentual da população por nível da sensação de estar saudável, segundo características dos entrevistados. Distrito Federal. 2025.

Sensação de estar saudável	População Geral	Indivíduo com plano	Indivíduo sem plano	Residente em RA de Baixa Renda	Residente nas demais RA
1	2,6	0,6	3,5	4,0	1,2
2	0,2	0,3	0,2	0,2	0,2
3	1,4	0,6	1,6	1,8	1,0
4	1,5	1,3	1,6	1,0	2,0
5	12,8	9,6	14,3	14,7	10,9
6	9,4	5,5	11,2	10,1	8,7
7	17,6	21,2	15,9	16,2	19,0
8	24,4	27,6	22,9	24,6	24,2
9	10,3	12,5	9,3	7,9	12,7
10	19,8	20,8	19,4	19,6	20,0

Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

O gráfico 1 resume os resultados sobre a sensação de estar saudável. Em média, os entrevistados avaliam a sua saúde muito positivamente (7,4 pontos em 10, variando de 7,3 a 7,5 pontos). O fato de não possuir plano de saúde e residir em RA de baixa renda impacta fortemente a sensação de estar saudável. Com essas características, a média da sensação de estar saudável cai para 7,0 pontos, e é significativamente menor que a sensação média de estar saudável entre aqueles que têm plano de saúde, sejam residentes em RA de baixa renda ou nas demais RA.

Gráfico 1 – Média e Intervalo de confiança (95%) da sensação de estar saudável segundo características do entrevistado. Distrito Federal. 2025.



É importante destacar que apenas 31% dos entrevistados declararam ter plano de saúde (Tabela 2), valor muito próximo ao obtido pela PDAD 2021 de 32,5% (IPEDF, 2021). Para os residentes nas RA de média baixa e baixa renda, essa proporção cai para 20%, e para os residentes nas demais RA, se eleva a 42,6%. Ou seja, a cobertura de planos de saúde é inferior entre os mais pobres, sendo essas, também, as parcelas populacionais com índices mais baixos de sensação de estar saudável. Vale observar que, de acordo com os dados da PDAD, a cobertura por planos de saúde privados varia entre 4,4% no Itapoã a 91,2% no Lago Sul (IPEDF, 2021).

Tabela 2 - Distribuição dos entrevistados segundo grupo de RA de residência e a posse de plano de saúde. Distrito Federal. 2025.

Grupos de RA	Com plano de saúde		Sem plano de saúde	
	n	%	n	%
Alta renda e média alta	211	42,6%	284	57,4%
Média baixa e baixa renda	101	20,0%	404	80,0%
Total	312	31,2%	688	68,8%

Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

Além de mensurar com uma pergunta direta a sensação de saúde, também perguntamos à população outros fatores que indicam ações rotineiras relativas à prevenção de enfermidades e de promoção do bem-estar. Dessa maneira, perguntamos aos entrevistados se fizeram algum check-up médico no último ano. Foram 52,1% que responderam negativamente (Tabela 3). Ou seja, metade dos entrevistados não fez um exame preventivo no último ano. Considerando as diferenças segundo local de residência, nas RA de média baixa e baixa rendas, essa proporção sobe para 55,8% e cai para 48,3% nas RA de alta e média alta rendas.

Em contrapartida, a proporção daqueles que responderam ter feito exame médico pelo menos uma vez no último ano é de 47,3%, sendo de 43,2% entre os residentes das RA de mais baixa renda e de 51,5% entre os residentes das RA de mais alta renda.

Essas diferenças são ainda maiores para quem não tem plano de saúde. Entre aqueles que não têm plano de saúde (68,8% dos entrevistados), apenas 37,5% declararam ter feito check-up pelo menos uma vez no último ano. Entre os que têm plano de saúde (31,1% dos entrevistados), essa proporção sobe para 68,9%.

Tem-se, portanto, comportamentos muito distintos quanto à realização de exames preventivos segundo o local de moradia no DF e, sobretudo, em relação à posse de plano de saúde. Entre os mais vulneráveis, indivíduos residentes em RA de mais baixa renda a proporção de não realização de exames/consultas médicas no ano anterior é mais elevada do que entre os residentes nas demais RA. Por outro lado, ter cobertura de plano de saúde praticamente dobra a propensão de realizar exames preventivos.

Tabela 3 - Distribuição dos entrevistados segundo realização de check-up, por grupo de RA de residência e posse de plano de saúde. Distrito Federal. 2025.

Grupo de RA	Plano de saúde	Sim, uma vez		Sim, mais de uma vez		Não fez check-up		NS/NR		Total
		n	%	n	%	n	%	n	%	
Total	Geral	32								1.00
		8	32,8%	145	14,5%	521	52,1%	6	0,6%	0
	Com plano de saúde	14	47,1%	68	21,8%	96	30,8%	1	0,3%	312
	Sem plano de saúde	18	26,3%	77	11,2%	425	61,8%	5	0,7%	688
Alta renda e média alta	Geral	18								
		5	37,4%	70	14,1%	239	48,3%	1	0,2%	495
	Com plano de saúde	10	50,2%	43	20,4%	62	29,4%	0	0,0%	211
	Sem plano de saúde	79	27,8%	27	9,5%	177	62,3%	1	0,4%	284
Média baixa e baixa renda	Geral	14								
		3	28,3%	75	14,9%	282	55,8%	5	1,0%	505
	Com plano de saúde	41	40,6%	25	24,8%	34	33,7%	1	1,0%	101
	Sem plano de saúde	10	25,2%	50	12,4%	248	61,4%	4	1,0%	404

Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

No que refere à consulta odontológica no último ano, 47,4% afirmaram não terem ido ao dentista (Tabela 4). Entre os que não têm plano de saúde, esse percentual sobe para 55,4% e cai para 29,8% entre os que têm. Já a visita ao dentista mais de uma vez no último ano é relatada por 32,0% dos entrevistados. Entre os que têm plano de saúde, esse percentual se eleva a 45,2% e cai para 26,0% entre o que não têm.

Tabela 4 - Distribuição dos entrevistados segundo realização de consulta odontológica, por grupo de RA de residência e posse de plano de saúde. Distrito Federal. 2025.

Grupo de RA	Plano de saúde	Sim, uma vez		Sim, mais de uma vez		Não foi ao dentista		NS/NR		Total
		n	%	n	%	n	%	n	%	
Total	Geral	203	20,3%	320	32,0%	474	47,4%	3	0,3%	1.000
	Com plano de saúde	77	24,7%	141	45,2%	93	29,8%	1	0,3%	312
	Sem plano de saúde	126	18,3%	179	26,0%	381	55,4%	2	0,3%	688
Alta renda e média alta	Geral	114	23,0%	181	36,6%	198	40,0%	2	0,4%	495
	Com plano de saúde	56	26,5%	99	46,9%	55	26,1%	1	0,5%	211
	Sem plano de saúde	58	20,4%	82	28,9%	143	50,4%	1	0,4%	284
Média baixa e baixa renda	Geral	89	17,6%	139	27,5%	276	54,7%	1	0,2%	505
	Com plano de saúde	21	20,8%	42	41,6%	38	37,6%	0	0,0%	101
	Sem plano de saúde	68	16,8%	97	24,0%	238	58,9%	1	0,2%	404

Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

PQuanto às diferenças de consulta odontológica segundo renda, tem-se que 54,7% dos moradores nas RA de mais baixa renda não foram ao dentista no último ano, frente a 40% nas demais RA. Já a visita ao dentista mais de uma vez no último ano, é relatada por 27,5% dos moradores nas RA de mais baixa renda e por 36,67% nas demais RA. Novamente, os padrões de acesso diferenciado a tratamentos e exames é afetado por renda e acesso a planos de saúde.

Por último, perguntamos sobre a realização de exercícios físicos regulares. São 40,9% dos entrevistados que não fazem exercícios físicos regularmente. Esse valor sobe para 44,8% nas RA de renda mais baixa e cai para 37% nas demais. Para quem não tem plano de saúde, essa proporção sobe para 46,9% e para quem tem, cai para 27,6%. Novamente, as pessoas mais pobres e sem cobertura de plano tem menor propensão a realizar atividades que podem prevenir doenças crônicas.

Tabela 5 - Distribuição dos entrevistados segundo realização de atividade física regular, por grupo de RA de residência e posse de plano de saúde. Distrito Federal. 2025.

Grupo de RA	Plano de saúde	Sim, uma vez		Sim, mais de uma vez		Não faz atividade física		NS/NR		Total
		n	%	n	%	n	%	n	%	
Total	Geral	345	34,5%	241	24,1%	409	40,9%	5	0,5%	1000
	Com plano de saúde	136	43,6%	88	28,2%	86	27,6%	2	0,6%	312
	Sem plano de saúde	209	30,4%	153	22,2%	323	46,9%	3	0,4%	688
Alta renda e média alta	Geral	174	35,2%	136	27,5%	183	37,0%	2	0,4%	495
	Com plano de saúde	88	41,7%	65	30,8%	57	27,0%	1	0,5%	211
	Sem plano de saúde	86	30,3%	71	25,0%	126	44,4%	1	0,4%	284
Média baixa e baixa renda	Geral	171	33,9%	105	20,8%	226	44,8%	3	0,6%	505
	Com plano de saúde	48	47,5%	23	22,8%	29	28,7%	1	1,0%	101
	Sem plano de saúde	123	30,4%	82	20,3%	197	48,8%	2	0,5%	404

Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

De maneira geral, as pessoas de mais baixa renda e sem cobertura de plano de saúde são as que têm maior propensão a se sentirem menos saudáveis e a realizarem com menos frequência atividades preventivas e de bem-estar, indicando mais uma vez o efeito dos determinantes sociais na saúde da população.

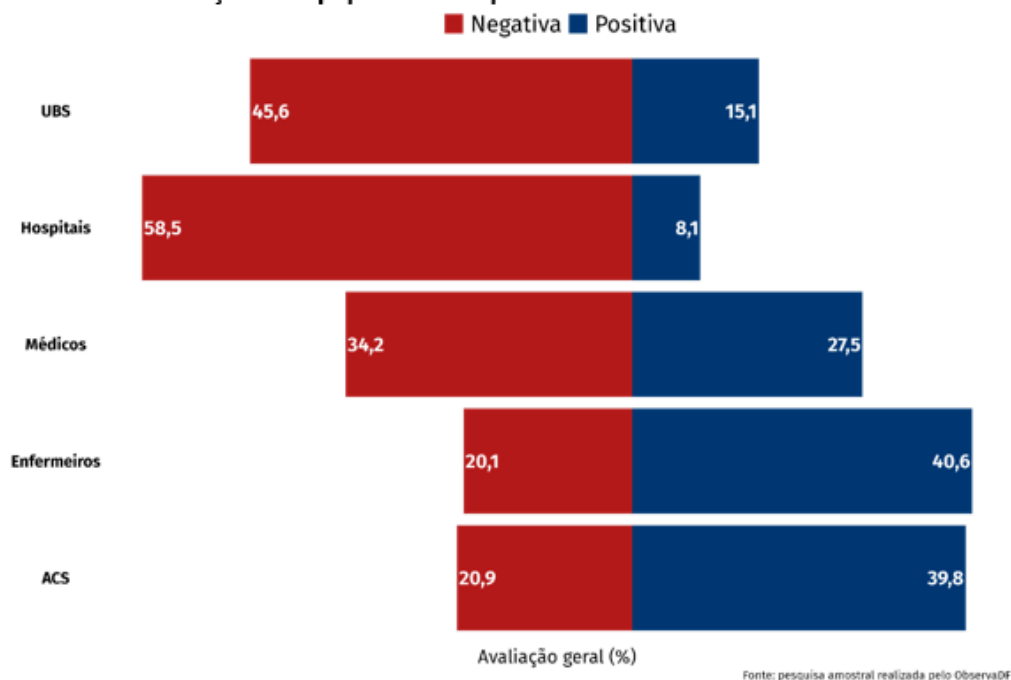
3. Uso e Avaliação de Equipamentos e Serviços de Saúde Pública

A última pesquisa de avaliação governamental do Distrito Federal realizada pelo ObservaDF dedicou uma parcela grande de seu questionário para a exploração detalhada de visões sobre o sistema de saúde local. Os resultados apontam uma população, como já tido, extremamente insatisfeita e preocupada com a situação da saúde de forma geral. O Gráfico 2 confirma essa situação quando olhamos mais detalhadamente para aspectos específicos do sistema de saúde.

Seguindo padrão já detectado em estudos anteriores do ObservaDF (https://observadf.unb.br/wp-content/uploads/2025/01/Relatorio5_ObservaDF-1.pdf), servidores públicos são mais bem avaliados que as instituições. Assim, enfermeiros e agentes comunitários de saúde (ACS) têm avaliações bem mais positivas - a soma de avaliações ótimo e bom - do que negativas - a soma de avaliações ruim e péssimo. Destoa desse padrão as avaliações sobre os médicos, que são predominantemente negativas, mas a níveis mais baixos que as péssimas avaliações de unidades básicas de saúde (UBS) e as de hospitais públicos.

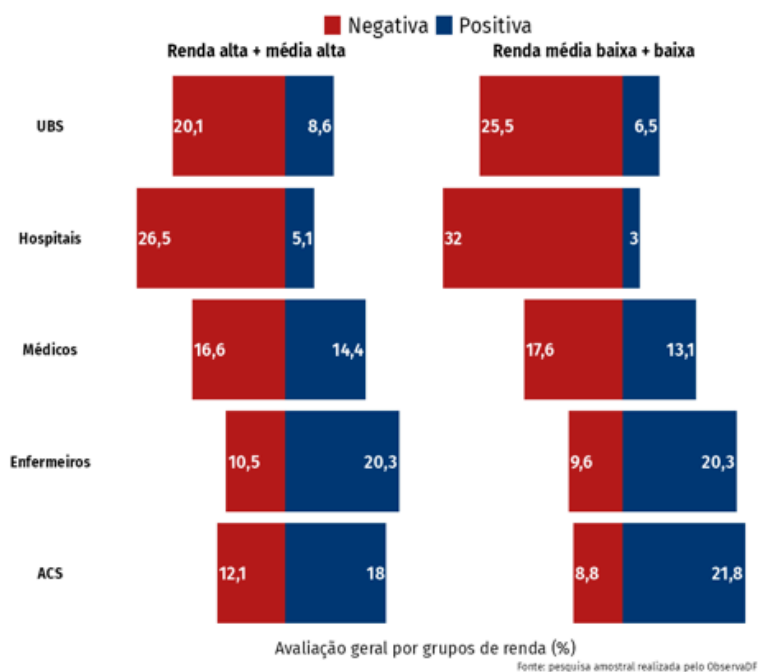
Essa pergunta replica outra pesquisa aplicada em março de 2022, disponível em <https://observadf.unb.br/pesquisas/>, identificada como relatório 03/2022. Naquele relatório, hospitais eram bem avaliados por aproximadamente 11% da população e negativamente por 53,1%. Ou seja, há uma manutenção das avaliações negativas, com leve piora em comparação com 2022. O mesmo padrão ocorre com todos os demais elementos avaliados: Médicos era avaliados negativamente por 25,9%, enfermeiros por 17,5, agentes comunitários por 18,6% e as UBS por 42,1%. Claramente há uma piora na qualidade do atendimento nos últimos anos.

Gráfico 2 – Avaliação de equipamentos e profissionais de saúde. Distrito Federal. 2025



Comparando-se a avaliação de equipamentos e profissionais de saúde segundo grupo de RA de residência do entrevistado, segundo a renda, observa-se que ACS e enfermeiros têm uma avaliação positiva levemente superior entre aqueles que residem em RA de mais baixa renda do que entre os demais. Os médicos têm avaliação negativa semelhante nos dois grupos. Já a avaliação dos equipamentos UBS e hospitais públicos é claramente mais negativa entre os residentes de mais baixa renda. Ou seja, aqueles que menos têm acesso a planos privados e que mais necessitam dos serviços públicos de saúde têm avaliação muito negativa desses serviços.

Gráfico 3 – Avaliação de equipamentos e profissionais de saúde segundo grupo de RA de residência do entrevistado. Distrito Federal. 2025



Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

Para detalhar na avaliação dos serviços de saúde, perguntamos se o entrevistado havia utilizado algum dos equipamentos de saúde pública nos últimos doze meses no Distrito Federal. A Tabela 6 resume os dados sobre a utilização dos equipamentos públicos de saúde pela família reportados pelos entrevistados.

Observa-se, em primeiro lugar, que 75,5% dos entrevistados reportaram ter algum membro da família, incluindo o próprio, utilizado algum dos três equipamentos de saúde indicados na pesquisa (UBS, UPA e Hospital público). O uso das UBS é reportado por 63,9% dos entrevistados, sendo que 16,2% declaram utilizar o equipamento apenas para vacinação. Já a utilização das Unidades de Pronto Atendimento foi declarada por 42,4% dos entrevistados e os hospitais públicos por 43,4%. Vale notar que 49,2% dos entrevistados declararam ter utilizado mais de um equipamento no último ano, sendo que 25% utilizaram os três equipamentos. Vê-se, portanto, que o sistema público de saúde no DF tem ampla utilização pela população, com destaque para a Atenção Primária à Saúde, prestada pelas UBS, que foi mencionada a sua utilização por 52,4% dos entrevistados.

Tabela 6 - Distribuição dos entrevistados segundo equipamentos de saúde públicos utilizados no último ano. Distrito Federal. 2025

Equipamento Utilizado	n	%
UBS	175	17,5%
UPA	47	4,7%
Hospital público	41	4,1%
UBS e UPA	99	9,9%
UBS e Hospital público	115	11,5%
UPA e Hospital público	28	2,8%
UBS, UPA e Hospital público	250	25,0%
Nenhum	245	24,5%

Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

No que se refere às UBS, quando cruzamos o uso desse equipamento por renda média das RA, contrastando as mais ricas e mais pobres, vemos que o uso no primeiro grupo é bem mais alto apenas para vacinação. Nas RA de alta renda, 22,6% dos entrevistados usam as UBS apenas para vacinação, enquanto nas RA de baixa renda, essa proporção cai para 12,6%. Por outro lado, 40% dos entrevistados, residentes nas RA de alta renda usam as UBS como pacientes, valor significativamente alto, mas inferior aos 56,3% entre os residentes de RA de mais baixa renda. Curiosamente, são os residentes das RA de renda média alta que mais frequentemente declararam não ter utilizado as UBS nos últimos doze meses, com uma proporção de 56,5%, frente a 35,3% nas RA de alta renda e 30,9% nas de renda mais baixa.

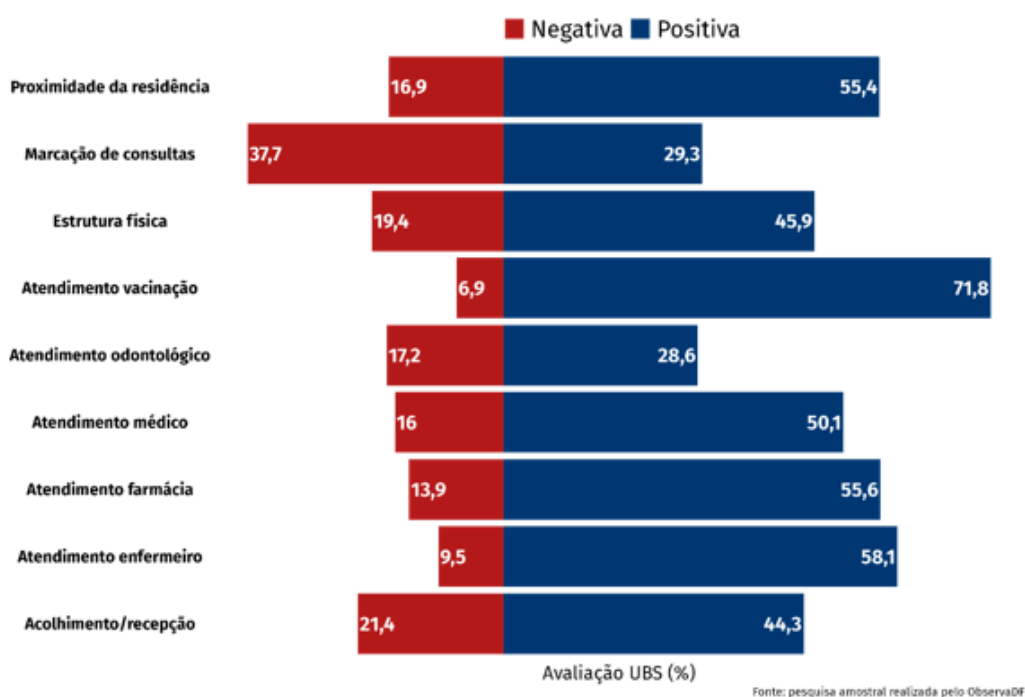
Quanto às Unidades de Pronto Atendimento (UPA), o uso é bastante diferenciado segundo a RA de moradia do entrevistado. Entre os entrevistados residentes nas RA de baixa renda, 46,6% declararam ser usuários das UPA, enquanto essa proporção cai para 36,9% entre aqueles residentes nas RA de alta renda. Os residentes nas RA de renda média alta apresentam uma proporção de usuários de UPA menor ainda, apenas 31,2%.

Já os hospitais públicos são usados por 53,5% dos entrevistados, sendo que essa proporção cai a 36,7% entre os residentes das RA de renda mais alta e, alcança o menos índice de utilização (20,1%) entre os residentes das RA de renda média alta.

De maneira geral, observa-se um uso muito maior dos equipamentos públicos de saúde entre os residentes das RA de renda mais baixa. Mas, o uso desses equipamentos pelos residentes em RA de média alta e alta renda não é desprezível, sobretudo quando se considera o uso apenas para vacinação.

Para a avaliação dos diferentes equipamentos do sistema público de saúde no DF, consideramos apenas os seus usuários, ou seja, aqueles que estão mais bem posicionados a fazerem uma avaliação mais precisa e detalhada desses equipamentos. O Gráfico 4 apresenta as avaliações dos usuários das Unidades Básicas de Saúde, contrastando as avaliações negativas e positivas para cada aspecto indicado. A cor azul preponderante no gráfico indica que os resultados da avaliação são muito positivos para os vários elementos avaliados.

Gráfico 4 – Avaliação dos usuários sobre diversos aspectos das Unidades Básicas de Saúde (UBS). Distrito Federal. 2025

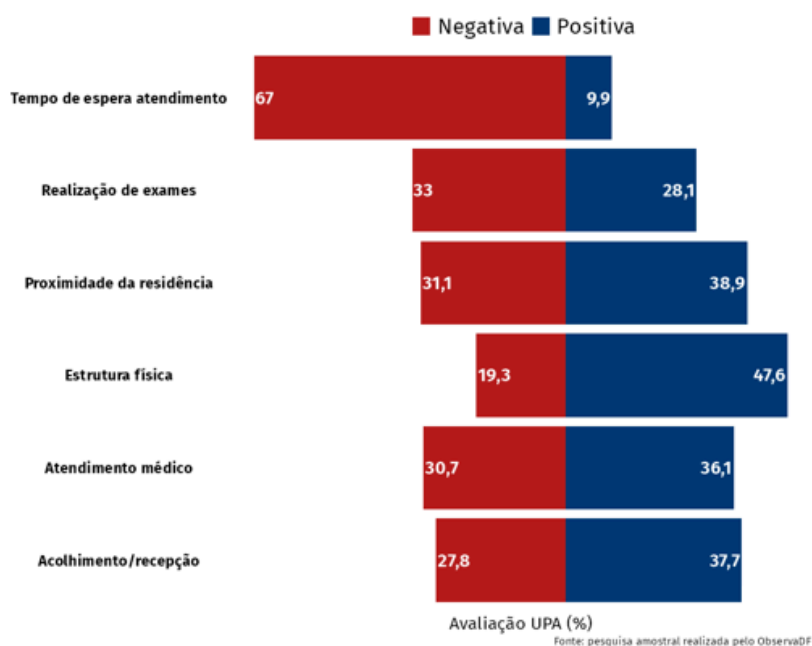


Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

A avaliação mais positiva refere-se ao atendimento para vacinação, com 71,8% de menções favoráveis e apenas 6,9% contrárias. O atendimento de enfermeiros e da farmácia vem logo em seguida, com uma diferença de avaliações favorável às positivas entre 40 e 50 pontos percentuais. Vale observar que enquanto os médicos, em geral, têm avaliação negativa, aqueles que atendem nas UBS recebem avaliações mais positivas entre os usuários dessas Unidades. Também com avaliação positiva, está o aspecto “Proximidade da residência”, mas os 16,9% que avaliaram negativamente esse aspecto traz um alerta para a questão sobre a localização e a capacidade de atendimento das UBS nas diversas localidades do DF, discutida em relatório anterior pelo ObservaDF ([Relatório n. 2/2022](#)). Por fim, o único item em que prevalecem avaliações negativas é a marcação de consulta, criticada por 37,7% dos usuários.

O Gráfico 5 apresenta os resultados da avaliação dos Unidades de Pronto Atendimento (UPA). Novamente, as avaliações positivas dos usuários são predominantes, mas em valores mais baixos que as UBS. O item melhor avaliado é a estrutura física. A avaliação do atendimento médico cai bastante, em comparação com as UBS. Já dois aspectos são mal avaliados: a realização de exames e, principalmente, o tempo de espera, que é avaliado negativamente por 67% dos usuários.

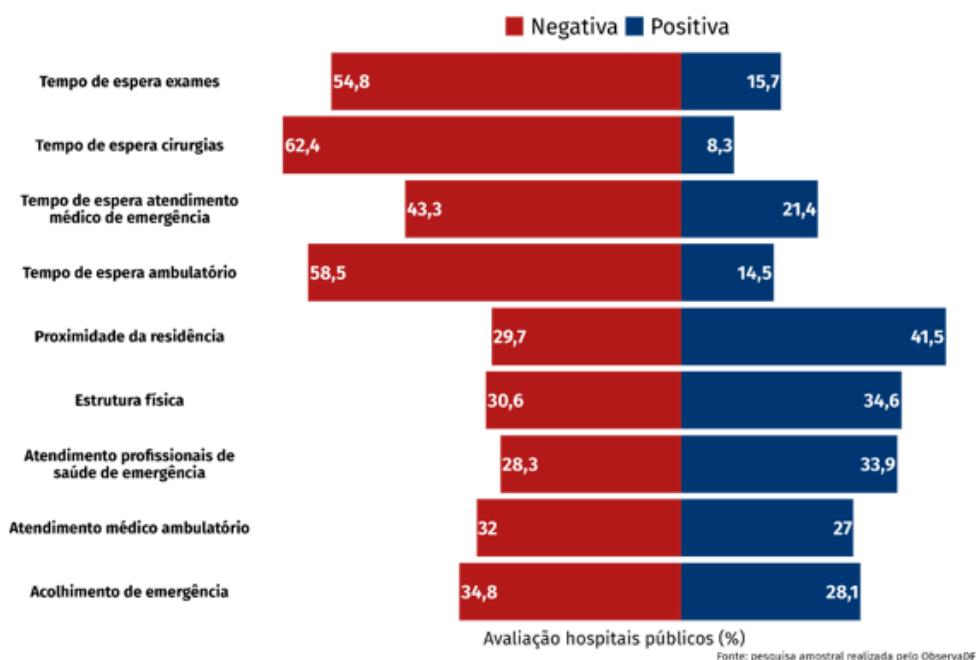
Gráfico 5 – Avaliação dos usuários sobre diversos aspectos das Unidades de Pronto Atendimento (UPA). Distrito Federal. 2025



Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

Já o Gráfico 6 mostra a mesma análise para os hospitais públicos. No entanto, o quadro geral neste caso, se inverte completamente. As avaliações predominantes dos usuários são muito negativas. Destacam-se aqui os elementos da espera por atendimento na emergência e principalmente para exames, atendimento ambulatorial e, especialmente e muito preocupante, cirurgias. Apenas a proximidade de casa e o atendimento da emergência têm avaliações relativamente positivas acima da margem erro de 3 pontos percentuais, sendo que a avaliação da estrutura física fica bem próximo desse valor.

Gráfico 6 – Avaliação dos usuários sobre diversos aspectos dos hospitais públicos. Distrito Federal. 2025



Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

Portanto, a avaliação dos equipamentos públicos de saúde realizada por seus usuários revela que a UBS é o equipamento mais bem avaliado, seguido das UPA. Os hospitais públicos têm avaliação predominante negativa na maioria dos aspectos específicos de seu funcionamento.

Por último, perguntamos a todos os entrevistados qual, na sua opinião, seria o pior problema atual da saúde pública no Distrito Federal. A Tabela 7 lista, em ordem decrescente, as principais respostas espontâneas, sem uma prévia indicação das alternativas, dadas pelos entrevistados.

De acordo com 26% dos entrevistados, o pior problema no sistema público de saúde é o atendimento ruim dos servidores, seja desde o acolhimento, realizado por técnicos, até aquele realizado pelo profissional médico. O segundo pior problema são as filas nos prontos socorros indicado por 14% dos entrevistados. A falta de médicos foi apontada por 12,8% dos entrevistados, seguida pela demora para tratamento (9,6%) e gestão ruim (5,3%). Para 3,7%, o pior problema é a falta de medicamentos e para 3,1% a demora para iniciar tratamento. Completam essa lista, a capacidade e estrutura insuficiente para atendimento (2,7%), falta de recursos para a saúde (1,8%), a falta de interesse do governo (1,0%) e difícil acesso (0,6%). Para 2,0% dos entrevistados “tudo está ruim e precário”, 6% mencionaram outros problemas específicos e 11,4% não souberam ou não quiseram responder à pergunta.

Tabela 7. Pior problema da saúde pública no Distrito Federal. 2025.

Problema da saúde pública no DF	%
Atendimento dos servidores ruim	26,0
Filas nos prontos socorros	14,0
Falta de médicos	12,8
Demora para tratamento	9,6
Gestão ruim	5,3
Falta de medicamentos	3,7
Demora para marcação de consultas	3,1
Capacidade e estrutura insuficiente de atendimento	2,7
Tudo é ruim e precário	2,0
Falta de recursos	1,8
Falta de interesse do governo e dos políticos	1,0
Difícil acesso	0,6
Outros	6,0
Não sabe/ não respondeu	11,4

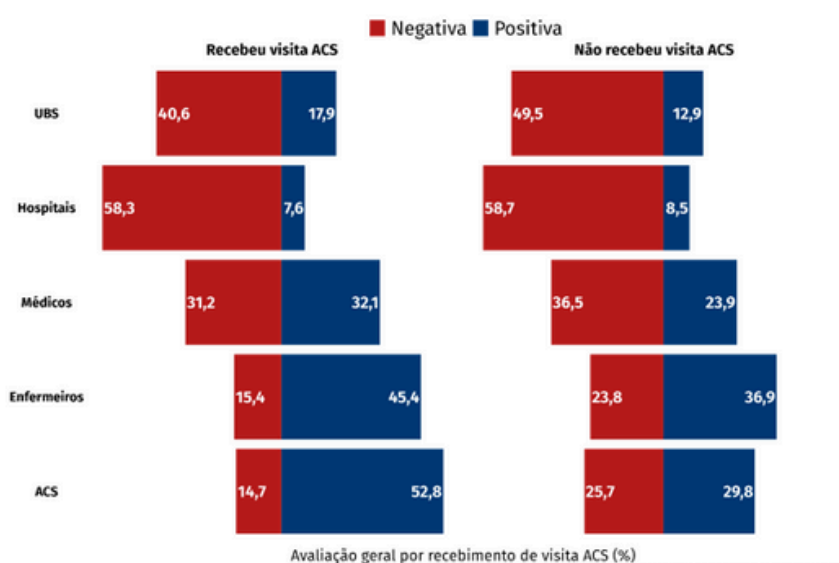
Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

5. Efeito Moderador de Ser Usuário do Sistema

Uma das questões que sempre se coloca quando se avaliam os serviços públicos é se o fato de ser usuário altera a percepção quanto à qualidade dos serviços prestados. Nesta pesquisa, além dos usos dos equipamentos UBS, UPA ou hospitais públicos, perguntamos se o entrevistado havia recebido em sua residência, nos últimos doze meses, a visita de algum Agente Comunitário de Saúde (ACS) ou algum outro membro da equipe da Estratégia de Saúde da Família (ESF), ou de agente de endemia (como dengue, por exemplo). Vale notar que entre os entrevistados, 52,2% nunca recebeu nenhuma visita de algum agente de saúde em sua residência.

Para verificar se o fato de ter recebido visita domiciliar de algum agente de saúde altera a percepção da qualidade dos serviços, o Gráfico 7 mostra as avaliações dos entrevistados sobre profissionais e equipamentos de saúde no DF segundo a condição de ter recebido ou não essa visita. Observa-se que, de fato, as avaliações negativas do sistema caem significativamente, à exceção dos hospitais, que seguem sendo avaliados de maneira negativa pelos dois grupos. A inclusão em programas de Atenção Primária como a Estratégia Saúde da Família e receber a visita de agentes da área de saúde melhoram as percepções sobre o funcionamento geral do sistema. No entanto, as avaliações negativas sobre os equipamentos UBS e hospitais públicos prevalecem.

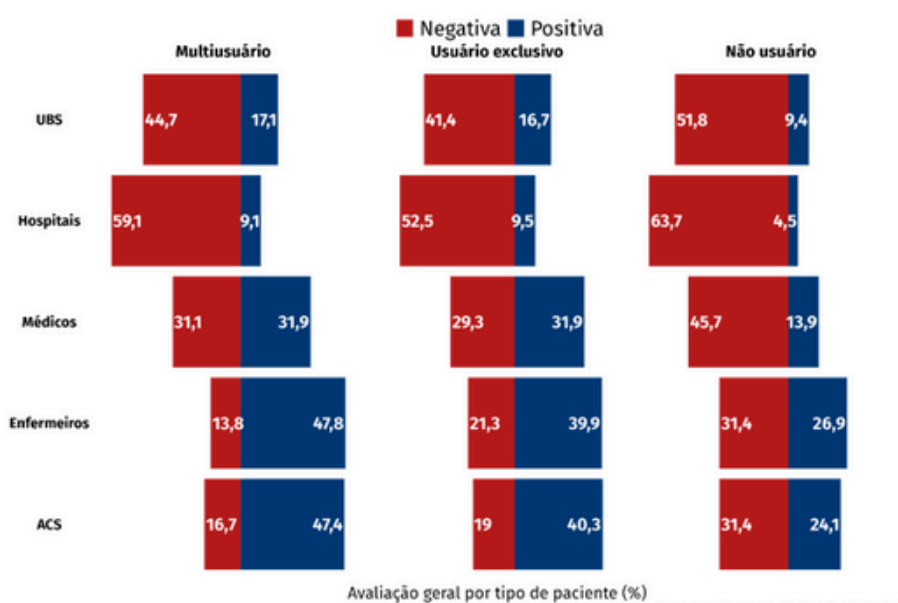
Gráfico 7 – Avaliação de equipamentos e profissionais de saúde segundo a condição de ter recebido visita domiciliar de agente de saúde. Distrito Federal. 2025



Como última análise, verificamos como as diferentes categorias de usuários avaliam os equipamentos e profissionais do sistema de saúde. As categorias de usuários, segundo o uso dos equipamentos UBS, UPA e hospital público no último ano, foram estabelecidas como multiusuários (49,2%), usuários exclusivos (26,3%) e não usuários (24,5%). Na categoria multiusuários, consideramos os entrevistados que declararam ter, ele ou alguém da sua família, utilizado pelo menos dois equipamentos de saúde no último ano. Como usuário exclusivo, consideramos aqueles que utilizaram apenas um dos três equipamentos de saúde no último ano. Por fim, foram classificados como não usuários, os entrevistados que nem ele e ninguém da família utilizaram nenhum dos três equipamentos de saúde no último ano (ver Tabela 6).

O Gráfico 8 mostra a avaliação dos profissionais e equipamentos de saúde segundo as três categorias de usuários. Novamente, os ACS e enfermeiros são os que receberam as avaliações mais positivas. Entre os multiusuários e usuários exclusivos, a avaliação positiva superam em muito as avaliações negativas, principalmente entre os primeiros. Já entre os não usuários, as avaliações negativas superam as positivas. Aqui, o efeito moderador de ser usuário do sistema aparece claramente. Quanto maior a experiência como usuário do sistema de saúde, mais positiva será a avaliação dos ACS e enfermeiros.

Gráfico 8 – Avaliação de equipamentos e profissionais de saúde segundo categorias de usuários do sistema. Distrito Federal, 2025



Fonte: ObservaDF, Pesquisa de avaliação governamental, 2025

Fonte: pesquisa amostral realizada pelo ObservaDF

Os médicos, por sua vez, têm avaliações mais negativas que os outros profissionais de saúde, mas, da mesma forma que anteriormente, a experiência como usuário do sistema exerce um efeito moderador. Entre os usuários, 31,9% avaliam positivamente a atuação dos médicos, enquanto essa proporção cai para 13,9% entre os não usuários.

Já os equipamentos UBS e hospitais públicos receberam as piores avaliações. Usuários e não usuários avaliam muito negativamente as UBS, mas sobretudo os hospitais públicos. O efeito moderador de ser usuário também é observado na avaliação desses equipamentos. Entre os não usuários, a avaliação negativa das UBS se eleva a 51,8% e dos hospitais públicos a 63,7%. Entre os multiusuários, essas proporções caem para 44,7% e 59,1%, respectivamente, e caem ainda mais entre os usuários exclusivos, alcançando 41,4% e 52,5%, respectivamente.

6. Conclusão

Os resultados da pesquisa de avaliação indicam que os equipamentos públicos de saúde são amplamente utilizados pela população do Distrito Federal, sendo que 49,2% dos entrevistados reportaram ter utilizado, no último ano, os três tipos de equipamentos (UBS, UPA e Hospital público).

Fica claro, no entanto, que essa utilização é mais comum entre os residentes das RA de mais baixa renda, e que não têm planos de saúde. Esse grupo de pessoas, em situação de maior vulnerabilidade, é a que relata índice mais baixo de sensação de estar saudável.

No que se refere às atitudes de prevenção de doenças e promoção de saúde, também é esse grupo mais vulnerável que apresenta as mais baixas proporções de pessoas que realizaram ações preventivas ou de promoção de saúde. Ter ou não cobertura de plano de saúde privado influencia fortemente a realização de ações de prevenção e a promoção da saúde, pilares da política de Atenção Primária à Saúde, cujas Unidades Básicas de Saúde, espalhadas pelo território, devem ofertar a toda a população.

O presente estudo evidencia uma grande insatisfação da população com os serviços públicos de saúde, em especial, os atendimentos realizados em hospitais e Unidades de Pronto Atendimento (UPA). Uma avaliação positiva é dada às Unidades Básicas de Saúde, aos agentes comunitários de saúde e aos enfermeiros, sobretudo pelos usuários dessas Unidades. Os médicos, nessas unidades, também recebem uma avaliação menos negativa do que aqueles que atuam em outros equipamentos.

Por fim, os três maiores problemas do sistema público de saúde no Distrito Federal reportados pelos entrevistados foram: o atendimento ruim dos servidores, incluindo médicos, enfermeiros e técnicos, as filas nos prontos-socorros e a falta de médicos.

O ObservaDF procura, assim, contribuir para que possamos aprimorar a atenção à saúde no Distrito Federal, evidenciando os principais gargalos e aspectos de insatisfação da população.

6. Referência

IPEDF, Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD –2021. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br/tabelas-de-resultados-pdad-2021>.

observadf.unb.br

